



# DANS LE SECRET DES PRINCES — APRECIÇÃO

Luiz de Alencar Araripe

*Luiz de Alencar Araripe faz, neste artigo, uma apreciação do livro Dans le secret des princes, editado na França, best-seller na Europa e provavelmente, em pouco tempo, no mundo. A Biblioteca do Exército está em negociação para obter os direitos autorais que lhe permita incluí-lo em um dos seus próximos editoriais. Pelo seu conteúdo, aqui objetiva e elegantemente enfocado, a obra demonstra-se de comprovado interesse cultural e profissional. Eis que a atividade sistemática de informações, instrumento imprescindível à tomada de decisões, adquire importância crescente, na medida em que a dimensão econômica e política do Brasil se projeta entre as nações.*

**O** Conde Alexandre De Marenches dirigiu, durante quase onze anos, o Serviço Secreto francês (S.D.E.C.E.), sob a gestão de dois Presidentes da República, Pompidou e Giscard d'Estaing. Com a eleição de Mitterrand, afastou-se do cargo, mantendo uma discrição que se impôs, nunca tendo falado à imprensa nem comparecido a recepções sociais.

Este ano, De Marenches surpreendeu a todos, mantendo um longo diálogo com a repórter Christine Ockrent, a quem chama de "ravissante et tenace", e a quem credita tê-lo feito falar, "eu, homem do silêncio". O diálogo entre os dois grandes profissionais — das informações e do

jornalismo — foi publicado sob o título *Dans le secret des princes*.

O livro é de grande sucesso na Europa, perguntando-se muitos por que o discreto conde decidira romper um silêncio de tantos anos e falar sobre temas polêmicos. Não se espere que De Marenches desvende, de forma irresponsável, intimidades dos serviços secretos da França e de seus aliados. Mas ele emite conceitos e faz revelações extremamente interessantes sobre algumas atividades desses serviços, em apoio à política exterior das grandes potências, no pós-guerra e nos dias de hoje.

No dizer de Ockrent, De Marenches é um grão-senhor, que guarda

de suas origens aristocratas o desprezo pelo dinheiro e pelos simulacros do poder, o senso do "panache", do humor, da honra e da necessidade de servir, a par do gosto pelas belas mulheres e pelos cavalos de raça. Os bens da família garantiram-lhe a independência e a possibilidade de viajar, adquirindo fluência nos idiomas inglês e alemão.

Alexandre de Marenches não é um James Bond, mas nem por isso sua vida deixou de ser de muitas aventuras. Aos 18 anos, com a capitulação da França, faz seu primeiro contacto com as atividades de informações. Atravessando a linha de demarcação, leva aos americanos, em Vichy, informações sobre as tropas de ocupação alemãs. É detido e interrogado pelos alemães. Depois, foge para a Espanha e, dali, para a Argélia, alistando-se nas Forças Francesas Livres, com elas combatendo na Itália. É lá que o General Juin vai encontrá-lo, fazendo-o seu ajudante-de-ordens.

As boas relações da família Marenches deram ao jovem Alexandre a oportunidade de fazer-se amigo de grandes personalidades da época – no caso, a França e os Estados Unidos: os Generais Patton, Marshall, Bradley e Beddel Smith; e os Presidentes De Gaulle, Roosevelt e Truman, isso sem falar de políticos e embaixadores. Assim, aos 22 anos, é designado oficial-de-ligação junto ao Quartel-General de Eisenhower, tendo acesso ao "inner sanctum" do Comando Aliado – o *War Room*. Presenciou grandes tomadas sobre operações da guerra e os desentendimentos entre De Gaulle e

os chefes militares americanos, teve acesso a informações ultra-secretas, e viu, angustiado, como Stalin soube extrair de Roosevelt e Truman concessões que decidiram o futuro do Leste Europeu.

Em 1946, De Marenches aceita o convite de De Gaulle, para fazer a ligação entre o Governo Provisório da França e a Assembléia Constituinte. Mas conclui não ter inclinação para a política e recusa a eleição certa para deputado por Paris, que lhe fora oferecida pelo general.

Resolvendo ingressar na iniciativa privada, De Marenches funda uma indústria mecânica. Nela permanece 15 anos, reforça sua independência econômica, até que o Presidente do Conselho, René Pleven, coloca-o à disposição do General Eisenhower, Comandante da OTAN.

As primeiras cem páginas de "Dans le secret..." tratam desse aprendizado, que muito valeria a De Marenches para o desempenho das funções que lhe confiou o Presidente Pompidou, em 1970: Diretor-Geral da S.D.E.C.E.

O S.D.E.C.E. (Service de Documentation Extérieure et de Contre-Espionage), mais tarde D.G.S.E. (Direction Generale de Sécurité Extérieure), é o órgão de informações externas, subordinado ao Presidente da República. Opera no mundo todo, salvo em território francês, onde a responsabilidade é da D.S.T. (Direction de Surveillance du Territoire), subordinada por sua vez ao Ministro do Interior.

"Não tem jeito. O Serviço (S.D.E.C.E.) não funciona. Meu Chefe de Estado-Maior Pessoal diz-me

que nada pode ser feito, que é preciso extingui-lo, recomeçar do zero”, foi o desabafo de Pompidou, ao que lhe respondeu Marenches: “Dê-me tempo para pensar”. E voltou com a solução: extinguir o serviço não era o caso; a solução seria reformulá-lo e expurgá-lo de maus elementos. Foi o que fez o novo diretor-geral, com carta branca do presidente.

As exposições de De Marenches sobre a organização e funcionamento do serviço são compreensivelmente sucintas. Ele prefere expor sua experiência e suas idéias sobre problemas que enfrentou. Como, por exemplo, as relações com o Chefe de Estado, com a D.S.T. e com os serviços de apoio: o recrutamento de pessoal e a utilização de “honoráveis cooperadores”, a defesa contra os “escroques das informações” e os agentes de serviços adversos.

De Marenches atribui ao temperamento nacional, avesso às atividades de informação, o fato de o serviço francês, ao contrário do inglês, não atrair a participação da elite intelectual. O que é lamentável, pois o trabalho de informações requer a participação de pessoal de alta qualidade, além de ser essencial que o povo compreenda e apoie os serviços especializados, que são a primeira linha de defesa do país.

Uma inconfiância de De Marenches, que causou grande celeuma na imprensa francesa, foi a de ter visto guardadas numa casamata toneladas de documentos da Gestapo e da Abwehr, o serviço secreto do III Reich. O conde diz ter folheado alguns desses documentos, encontrando neles provas de que grandes figuras da República, inclusive

membros da Resistência, estiveram a soldo dos alemães.

O ex-Diretor-Geral fala sobre operações que ocuparam as manchetes dos jornais de todo o mundo, nas quais estiveram envolvidos os serviços secretos franceses. Duas delas foram executadas na África.

A primeira foi a deposição do imperador Bokassa, orquestrada pela França. O êxito da operação deveu-se ao meticuloso planejamento estratégico e tático, que permitiu saber que a guarda do aeroporto de Bangui não recebia pagamento havia três meses. Assim, uma das primeiras medidas da tropa de assalto do S.D.E.C.E. foi colocar as guardas em fila, para que recebessem seus salários, em moeda forte...

A segunda operação foi realizada em Kolwesi, para debelar a revolta de gendarmes catanguenses contra o governo de Mobuto. Só depois de os homens do Serviço terem controlado a situação, é que chegaram os pára-quedistas franceses e belgas.

Essas e outras operações mostram a importância da existência, dentro do S.D.E.C.E., de um Serviço de Ação – mais conhecido como Comandos de Ação – composto por militares e civis especializados em operações especiais, e que, segundo o diretor-geral, proporciona uma opção intermediária entre o envio de uma nota diplomática e de um corpo expedicionário.

É certo que o Conde De Marenches não é um homem de esquerda; de direita, ele diz não ser. Numa dicotomia simplista – pombos x falcões – seria considerado um falcão. Ele acha que as democracias oci-

dentais perderam a Segunda Guerra Mundial devido, por um lado, à credulidade e à falta de visão histórica de seus líderes, e, por outro, ao gênio político e à implacabilidade de Stalin.

Segundo a ótica comunista, "a paz de hoje é o prolongamento da guerra de ontem, por outros meios".

De um lado, está o Império Soviético, "ainda na sua fase de religiosidade – expansionista, messiânica e missionária", com uma estratégia global, cujo teatro de operações é o planeta. Do outro, estão "as democracias moles", às quais temos a felicidade de pertencer, com uma visão tática, regional, quando não política, das questões internacionais.

No *front* dessa questão, estão os serviços de informações, com os olhos postos em realidade que os políticos e diplomatas preferem não ver. Ainda segundo De Marenches, "a K.G.B. e o G.R.U. representam a maior e a mais rica multinacional do mundo, dispondo também de pessoal mais numeroso", com filiais em todos os países-satélites e simpáticos à União Soviética. Enquanto isso, os serviços secretos do Ocidente lutam com falta de recursos e de reconhecimento por parte daqueles pelos quais defendem.

Alain Besançon, no artigo "Service inutile" (L'Express de 19 de setembro de 1986), comenta tópicos do que chama "o impressionante testemunho de Alexandre De Marenches sobre os serviços secretos franceses". Ele se detém na visão geopolítica do ex-Diretor do S.D.E.C.E., considerando-a fundamentalmente correta, embora passível de crítica, se colocada num con-

texto mais amplo, o que seria tarefa própria dos dirigentes políticos. Besançon não considera o livro de De Marenches hostil aos socialistas. Mas julga ter sido a ideologia que levou o Presidente Mitterrand a substituí-lo por "um extravagante", que tanto mal fez ao Serviço. "Numa sociedade democrática, os serviços secretos devem reduzir, no mínimo, a zona de segredo, pois permitirá aos cidadãos conhecerem melhor suas atividades. E só assim terão esses serviços a solidariedade nacional que protege as Forças Armadas", conclui Besançon.

De Marenches aborda outras questões de política internacional, que envolvem a participação dos serviços secretos, como os casos de Angola, do Afeganistão, das guerras do petróleo e do movimento xiita.

Em 1985, a explosão do navio Greenpeace, na Nova Zelândia, é objeto de comentários cáusticos de De Marenches. Mal conduzida política e tecnicamente, "a operação ultimou a destruição dos serviços franceses".

Sobre o terrorismo, há um capítulo que o considera como uma doença internacional. "Se nossos vizinhos a contraem, corremos também o risco de sermos contaminados por ela"... A maioria dos grandes serviços ocidentais conhece bastante bem a topologia das organizações terroristas e a localização de seus campos terroristas. Mas, assinala De Marenches, as democracias têm dificuldade em unir-se para combater o terrorismo, conciliando esse combate à preservação das liberdades individuais. Todavia, nos sistemas totalitários o problema não existe...

*Dans le secret des princes* contém muitas observações sobre a conduta do chefe de um serviço secreto, e ainda sobre suas relações com o chefe de Estado. “Minha primeira preocupação foi a de criar um estado de espírito, onde o serviço do Estado passa à frente de tudo, ou melhor dizendo: um serviço de Estado apolítico”. “O patrão dos serviços não deve ter qualquer ambição política. Não esqueça os velhos amigos, porque eles o manterão a par de tudo que se passa fora da vida normal... Desconfie das novas relações; elas nem sempre são fortuitas. Vá a poucas recepções e jantares sociais. Lá somente se ouvem intrigas. Os seus propósitos serão deformados. Você perderá tempo, e isso será ruim para a sua silhueta.”

“A maior dificuldade do diretor-geral é que ele jamais deve procurar agradar.” De Marenches cita uma frase do Marechal de Villars a Luís XV, frase que transmitiu a seguir ao Presidente Giscard d’Estaing: “Senhor, é difícil agradar e servir ao mesmo tempo”.

As operações “delicadas” devem ter o acordo do chefe de Estado e, para obtê-lo, ensina De Marenches: “Você lhe propõe uma operação; se ele a aprovar, responderá por um piscar de olhos. Se ficar como mármore, você tem seu acordo tácito.” E acrescenta: fica bem entendido que, se o assunto acabar mal, o diretor-geral deve pagar. É a regra do jogo.

De Marenches não passou o S.D.E.C.E. a seu sucessor. “Ele não manifestou o desejo de encontrar-me, e nem mesmo pediu-me que lhe transmitisse as ordens.” Sem qualquer função de governo, o

conde conservou relações que fez com chefes de Estado e personalidades do cenário internacional. Ele revela que o Presidente Reagan, o Rei Hassan II, do Marrocos, e o Rei Juan Carlos, da Espanha, algumas vezes o chamaram para conversar sobre questões do cenário mundial.

Os livros sobre os serviços secretos têm público garantido, tal é a auréa de mistério e aventura que cercam essas atividades. Mas há que separar os depoimentos sensacionalistas das narrativas sóbrias e objetivas dos senhores da arte. *Dans le secret des princes* inclui-se dentre estas últimas, com a vantagem de provir de um homem de pensamento e de ação, e de ser escrita no estilo vivo de uma grande jornalista. É de se esperar, com toda a certeza, o sucesso do livro perante o público brasileiro, assim como o êxito que vem obtendo em toda a Europa.

A redemocratização do Brasil colocou no pelourinho os nossos SNI, CIE, CENIMAR e a chamada comunidade de informações. Como acontecera ao Chefe de Estado-Maior pessoal de Pompidou, não faltou quem propusesse ao Presidente Tancredo Neves extingui-la... No entanto, a reformulação desses serviços, à semelhança do que fez De Marenches com o S.D.E.C.E., é a solução para adequá-los à defesa do Estado e dos interesses do Brasil, e preservar as liberdades democráticas de seus cidadãos. Esse é um processo a iniciar-se com a elaboração da nova Constituição, que deverá conciliar aqueles imperativos; e que se prolongará na feitura de leis ordinárias, formuladoras de grandes linhas segundo as quais os serviços

devam ser reestruturados e operados.

O processo envolve não apenas especialistas, mas políticos, professores, cientistas, diplomatas, enfim, todos os que, de alguma forma, possam contribuir para adotar o país do forte instrumento de defesa, que são os serviços de informações. Para todos estes e para o público, que tam-

bém deve saber o valor das informações, a leitura de *Dans le secret des princes* proporcionará material para reflexão. E para entretenimento.

*Dans le Secret des Princes*

Christine Ockrent

1986 - Éditions Stock

103, Boulevard Saint Michel,

75005 Paris

*Cel LUIZ DE ALENCAR ARARIPE - Oriundo da arma de Artilharia, turma de 1943, da Escola Militar do Realengo, cursou a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, turma de 1957, e a Escola Superior de Guerra, turma de 1973. Foi redator da Military Review, em 1965-1966. Serviu no Estado-Maior do Exército, com o General Alfredo Souto Malan, em 1971-1972. Participou da Conferência do Desarmamento, em Genebra, como assessor, de início, do então Chefe do Estado-Maior do Exército, General Emílio Rodrigues Ribas e, posteriormente, do Embaixador Araújo Castro e de Senador Afonso Arinos, em 1962. Escreveu artigos energia nuclear, publicados no Mensário do Estado-Maior do Exército. Passou para a reserva em 1973.*